

EIXO TEMÁTICO: ESPAÇOS FORMATIVOS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS

“ESCREVIVÊNCIAS” QUE DESCORTINAM QUEM EU SOU: POR UMA FORMAÇÃO DOCENTE REFLETIDA

Veronice Francisca dos Santos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB
veronicevero01@gmail.com

Carla Verônica de Albuquerque Almeida
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB
carlaalmeida@unilab.edu.br

O texto integra uma pesquisa de mestrado em andamento e tem como objetivo maior analisar as itinerâncias formativas por meio das escrevivências de uma professora negra e seus desdobramentos para uma prática pedagógica antirracista que estimule a autoestima das crianças na Educação Infantil. Nesse contexto a questão investigativa se delineia: de que forma as escrevivências narradas por uma professora negra da Educação Infantil, corrobora para uma prática pedagógica antirracista que estimule a autoestima das crianças? Tomo como referência a minha experiência de vida e de educadora, “escrevivências” que se entrecruzam às escritas de mulheres negras, narradas a partir do “lugar de fala” e se inscrevem como uma ação coletiva, um ato de insubordinação, uma postura político-revolucionária com narrativas semelhantes e emancipatórias. Reafirmar a minha existência e demarcar a minha re-existência como mulher negra é um movimento que mescla alegrias, dores, reminiscências, transgressões e atravessamentos de vida, que se reconfiguram e imprimem novas formas de existir. A memória é acionada, desvela ‘fragmentos’, ‘recortes de mim’, acontecimentos e experiências vividas como criança-negra, no processo de escolarização e formação como professora. Reflexões que traçam caminhos para uma prática pedagógica antirracista, que possa dirimir o silenciamento da cultura negra na escola, que insiste em formulações preconceituosas, naturalizaram desigualdades, corroborando a construção de estereótipos em torno de suas imagens e de suas práticas. O caminho metodológico da pesquisa qualitativa, tem como ‘pano de fundo’ a escrevivência, referenciada pela escritora Conceição Evaristo, inspiração para esta escrita. Para Evaristo (2021) o conceito de escrevivências é uma episteme nascida da experiência negra, parte de

uma vivência, de uma condição, de uma memória ancestral, de uma memória histórica. A escrevivência neste estudo, assume uma dimensão ética e um caráter autobiográfico de uma mulher negra, que assume o seu lugar de enunciação, por meio da própria narrativa. Tomo as “escrevivências”, como possibilidade de rememorar minha trajetória pessoal e profissional como espaço tempo do vivido que me constituíram como professora negra que busca incessantemente caminhos para letramentos negros de reexistência como possibilidade de enxergar e escutar os sentidos e os significados presentes no cotidiano escolar, com vistas a prática pedagógica antirracista. Para Souza (2006, p. 223) “[...] as narrativas e referências construídas pelos sujeitos sobre sua trajetória, expressam subjetividades, identidades, símbolos, ideologias sobre o tempo vivido [...]. Assim, as escrevivências narradas vão se desvelando nesse ‘entre-lugar’, ora da identidade enquanto criança negra, ora da identidade de professora negra, a partir do que elegi como relevante na minha história de vida e do meu processo de formação docente. Nasci no município de Irará-Bahia e meus pais, embora tivessem suas histórias atravessadas por um sistema coronelista vigente na época, não se furtaram a transmitir aos filhos, ensinamentos ancestrais e valores como, o respeito aos mais velhos e referenciá-los como ‘pessoas sagradas’. Recordo que quando crianças, eu e meus irmãos vivíamos ao pé do fogão de lenha ouvindo as histórias de meu avô, algumas delas imaginárias. À medida que fomos crescendo, o encantamento foi cedendo lugar a consciência do que revelavam estas histórias, carregadas de estereótipos. Anos depois, ao ingressar na Universidade e participar de cursos de formação sobre as histórias orais das populações africanas e de como somos traídos pela memória nesse processo de transmissão das narrativas orais, entendi a importância de ‘dar eco’ as nossas histórias. Para Evaristo (2021), se antes a fala da mulher negra ficou condicionada a uma oralidade, hoje ela tem também a escrita para “[...] falar dessas coisas fora do lugar, de indagar essas coisas, de fugir dessa realidade, mas, ao mesmo tempo, me potencializar pra enfrentar a realidade”. Falo na condição de ser mulher preta e periférica, em uma sociedade estruturalmente racista, que a todo custo tenta nos inferiorizar, nos descaracterizar. Pensar como essa escrita representa para nós mulheres negras e as mudanças que podem provocar na sociedade, é escrever sobre “coisas fora do lugar”, sobre o silenciamento presente em tantos espaços. As recordações me invadem com uma força ancestral ao reconhecer as potencialidades das matriarcas da família: minha mãe e minha avó materna, Inocência, que com coragem e resiliência, superou

os sofrimentos enfrentados, especialmente com o meu avô, ao levar suas amantes para serem alimentadas por ela, que não se opondo ao machismo que a dominava, se manteve firme em seus propósitos, na luta constante por seus direitos. Gomes (1995) destaca que ser mulher negra no Brasil representa um acúmulo de lutas, indignação, avanços e conflitos entre negação e afirmação de suas origens étnico-raciais. Representa suportar diferentes tipos de discriminação e, como forma de insubordinação, a resistência caminha lado a lado com essas ambiguidades. Ao vir morar em Salvador me deparei com as limitações de uma cidade grande: eu e meus irmãos não podíamos brincar na rua, minha mãe dizia que era muito perigoso, ficávamos sob a sua vigilância enquanto meu pai ia trabalhar. A escola era o meu lugar de refúgio, onde eu experimentava a ‘liberdade’. Sensação que me identifica com o campo, os modos de vida do quilombo e das comunidades tradicionais. Marcas da minha trajetória, determinantes para as minhas escolhas. Os primeiros dias na escola foram de estranheza para mim, a sensação de estar em um ambiente desconhecido, não era nada agradável. A complexidade do ambiente escolar é um desafio para crianças e jovens diante da nova realidade, e demanda da instituição uma postura de acolhimento, de atitudes que possibilitem maior segurança as/aos estudantes e a criação de laços de confiança com a comunidade escolar. As experiências vivenciadas no período de escolarização foram fundantes para a escolha de SER PROFESSORA, e me conduziram ao curso de magistério. Anos depois, já exercendo a docência na Educação Básica, buscava não repetir os mesmos erros que alguns(as) docentes cometeram comigo. Com o propósito de me aperfeiçoar, ingressei no Curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), consciente de que havia feito a escolha certa!! Vivenciei um processo de formação e autoformação, de aprendizagens significativas, de reflexões que demarcaram o meu lugar social de mulher negra, e dariam outros significados a prática docente. A atuação como coordenadora pedagógica da Educação Infantil, em uma escola municipal em São Francisco do Conde, acentuou os meus propósitos de construir e desenvolver com as professoras, uma prática pedagógica voltada para a diversidade, que considere a representação positiva do negro, especialmente da criança negra, no respeito a história dos povos africanos e afro-brasileiros. Outrossim, assumo uma responsabilidade que é também política, frente a realidade na qual atuo, acreditando ser o processo de conscientização que leva, de fato, a uma real transformação social. As reflexões sobre minhas escrevivências de vida como

professora negra, adquirem ressignificação crítica acerca de uma atuação docente antirracista comprometida, e sobretudo dialoga com uma prática pedagógica, na contramão de modelos e posturas (de)coloniais, na construção e estímulo a autoestima da criança negra na Educação Infantil.

Palavras-chave: Escrivências. Formação Docente. Professora Negra.

REFERÊNCIAS:

EVARISTO. Conceição “A escrivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira”. **Entrevista** em referência ao Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha, celebrado no dia 25 de julho, 2021. Portal Geledés. Disponível em: https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-constroi-a-historiabrasileira/?amp=1&gclid=Cj0KCQjwtJKqBhCaARIsAN_yS_lKNDhswV0bYro6301BSgo7ow1LbxEjE1A4DgBsPTXxTb4DkbvQu3saAt7-EALw_wcBd

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte. Editora Mazza, 1995.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. D&A / UNEB, 2006.